

ENTRE O TERRITÓRIO LOCAL E A GLOBALIZAÇÃO: OS TERRITÓRIOS DINÂMICOS DA INDÚSTRIA TERMOPLÁSTICA BRASILEIRA

BETWEEN THE LOCAL TERRITORY AND GLOBALIZATION: DYNAMIC TERRITORIES OF THE BRAZILIAN THERMOPLASTIC INDUSTRY

ENTRE EL TERRITORIO LOCAL Y LA GLOBALIZACIÓN: LOS TERRITORIOS DINÁMICOS DE LA INDUSTRIA TERMOPLÁSTICA BRASILEÑA

Paulo Henrique Schlickmann
Universidade Federal de Santa Catarina
p.h.schlickmann@ufsc.br

Resumo

O território local e a globalização são conceitos que carecem de conteúdo histórico concreto. A indústria brasileira produtora de termoplásticos assim como suas atividades encadeadas formam um conjunto produtivo consolidado no país, por meio da articulação de alguns territórios locais dinâmicos. Esses territórios locais dinâmicos não se sustentam na simples correlação com o território local, tampouco na esfera global, de forma automática. Sendo assim, o objetivo deste artigo é verificar a consolidação da cadeia produtiva termoplástica nacional em territórios locais dinâmicos a partir da influência recíproca entre as múltiplas escalas geográficas e a referida atividade econômica. Trata-se de um artigo de cunho bibliográfico e empírico, pois as análises de estudos de casos da indústria termoplástica contribuíram para dar conteúdo aos conceitos teoricamente estudados.

Palavras-chave: Cadeia produtiva. Geografia econômica. Indústria termoplástica. Território. Globalização.

Abstract

Local territory and globalization are concepts that lack concrete historical content. The thermoplastic Brazilian industry and its linked activities form a consolidated production set, in the country, through the articulation of some dynamic regional territories. These dynamic regional territories do not hold with local area correlation or in the global level automatically. Thus, the article's objective is to verify the consolidation of national thermoplastic production chain in dynamic regional territories and the reciprocal influence between multiple geographic scales and that economic activity. It is an empirical and bibliographical paper as the analysis of some cases contributed to give content for concepts studied theoretically.

Key words: Production chain. Economic geography. Thermoplastic industry. Territory. Globalization

Resumen

El territorio local y la globalización son conceptos que carecen del contenido histórico concreto. La industria brasileña de productor termoplásticos así como sus actividades encadenados juntos forman un conjunto productivo consolidada en el país, por medio de la articulación de algunos territorios local dinámicos. Estos territorios locales dinámicos no se sostienen en una simple correlación con el territorio local, ni en el ámbito global, de forma automática. Así, el objetivo de este artículo es verificar la consolidación de la cadena productiva termoplástica nacional en territorios locales dinámicos de la influencia recíproca entre las escalas geográficas múltiples y la actividad económica relacionada. Es un artículo de imprenta bibliográfico y empírico, puesto que el análisis de estudios de caso de la industria termoplástica contribuyeron a incorporar contenido a conceptos teóricamente estudiados.

Palabras clave: cadena productiva. Industria termoplástica. Território. Globalización.

INTRODUÇÃO

Território local e globalização, para a geografia econômica, cuja área do conhecimento interessa a este artigo, representam conteúdos e significações bastante vastos. Inicialmente, podem-se destacar as escalas geográficas, perpassando o local e o global, com suas inter-relações escalares, que se articulam também ao regional e ao nacional. Desdobra-se, desse bojo, um complexo debate sobre território, que passa pelo espaço vital de Ratzel quando o território foi articulado ao poder, com as fronteiras e a sua expansão, tendo como pano de fundo o século XIX e a unificação nacional dos países europeus. No início do século XX, I. Lacoste, expoente da geopolítica, destaca que o conhecimento da geografia e o domínio do território, garantem um saber estratégico em mãos de poucos (LACOSTE, 1988).

Do saber estratégico ao planejamento do território, os geógrafos, passam a exercer grande influência no mundo geopolítico do pré ao pós-II Guerra Mundial, sobretudo, até os anos 1980. Nesse contexto, Santos (1994) desenvolverá a teoria do uso do território e do território usado, ou seja, território é usado, possui atributo e é história política humana na essência. Importa saber o determinado uso que se faz do território em escala local, nacional, regional e global. Como destaca Sanchez (1991) o território é a materialização das diversas atividades econômicas, políticas, culturais e sociais.

É no contexto do território que o fenômeno da globalização ganha conteúdo, por se tratar de “[...] uma etapa específica, muito avançada, do velho processo de internacionalização do capital” (BACELAR, 2008, p. 1); internacionalização do capital em esfera global, concentrado e centralizado, necessitando mais do que nunca do estado territorial, das políticas nacionais e locais, ancoradas no território. Não há no capitalismo hoje um “estado global”, mas um sistema global de múltiplos estados territoriais (WOOD, 2014). Dessa forma, as influências das políticas e dos atributos territoriais locais (PECQUEUR, 2009) e nacionais interferem diretamente na territorialização da economia e estabelecem fundamento para qualquer atividade econômica escala nacional.

Diante dessas contribuições gerais, destaca-se que o objetivo deste artigo é destacar a consolidação da cadeia produtiva termoplástica nacional em territórios regionais produtivamente dinâmicos. Trata-se de um estudo exploratório, bibliográfico e empírico, no qual os estudos de caso a respeito da referida indústria serão suporte da análise, que serão devidamente citados ao longo do texto. Já para o aporte bibliográfico, destacam-se Bacelar (2008) e Chesnais (1995), que debatem a questão da globalização e da mundialização do capital; Gereffi; Korzeniewicz; Korzeniewicz (1994) e Gereffi (2001), que articulam o marco analítico das cadeias produtivas com a atual fase do capitalismo; além de Pecqueur (2009); Torre; Gilly (2000); Santos (1994) e Sanchez (1991) que possibilitarão a articulação entre os atributos territoriais de proximidade, a dinâmica econômica da cadeia produtiva dos termoplásticos, o uso do território e a territorialização desigual das atividades.

No que concerne à organização do texto, além desta introdução, outros quatro itens compõem o artigo. Os três primeiros serão apresentados de forma isolada. No item 1, serão tratadas questões da globalização e das cadeias produtivas em um possível estado da arte. No item 2, será apresentada a cadeia

produtiva termoplástica localizada no Brasil. Já o item 3 tratará sobre os territórios locais dinâmicos das empresas transformadoras de plástico no Brasil. Para o último item, referente às considerações finais, buscar-se-á uma aproximação articulada dos itens anteriores ao se traçar a importância das inter-relações e cooperações entre os transformadores termoplásticos vinculados a uma cadeia produtiva nacional com inter-relações em nível global, porém situadas em territórios locais dinâmicos.

CADEIAS PRODUTIVAS E GLOBALIZAÇÃO

Como ponto de partida, é importante salientar que “una cadena productiva se refiere al amplio rango de actividades involucradas en el diseño, producción y comercialización de un producto” (GEREFFI, 2001, p. 14). De maneira mais detalhada,

The analysis of a commodity chain shows how production, distribution, and consumption are shaped by the social relations (including organizations) that characterize the sequential stages of input acquisition, manufacturing, distribution, marketing, and consumption (GEREFI; KORZENIEWICZ; KORZENIEWICZ 1994, p. 2).

Haveria, portanto, correlação direta entre as cadeias produtivas e a internacionalização do capitalismo, uma vez que Gereffi (2001, p. 14) explica a internacionalização como fenômeno do século XVII que “[...] se refiere al alcance geográfico de las actividades económicas a través de las fronteras nacionales [...]”. Assim, cadeias produtivas e internacionalização da economia poderiam datar do século XVIII, pois não raro a cadeia produtiva têxtil da Inglaterra relacionava-se ou expandia suas fronteiras para o além-mar. Era articulada com a “indústria” do algodão nas Américas, dos corantes indianos e da química germânica nascente. Comercialmente, relacionava-se com Roma, Estados Unidos e Holanda (LANDES, 2005). Acerca da existência desse fluxo acredita-se haver consenso.

Com a internacionalização tendo seus efeitos ampliados pela expansão da estruturação do capital, segundo Bacelar (2008), transita-se do capitalismo concorrencial ao oligopólico, das firmas aos conglomerados, das multís às transnacionais, aportando na globalização. Bacelar, portanto, corrobora com Chénais (1995), que vê a mundialização do capital como uma etapa específica e avançada do velho processo de internacionalização, o que difere são os termos empregados por ambos. Esse fenômeno apresenta como suas principais características a “mundialização das operações do capital, em suas formas tanto industrial quanto financeira” (CHESNAIS, 1995, p. 4). Além disso,

[...] uno de los rasgos esenciales que definen el nuevo contexto en que operan las empresas industriales se relaciona con la progresiva consolidación de un espacio económico mundial integrado, que culmina un proceso secular marcado por la expansión de las relaciones capitalistas en el territorio (VALLE; BARROSO 1999, p. 121).

No entanto, o fenômeno da globalização muitas vezes foi atrelado de forma direta ao neoliberalismo, ou seja, aquela da não intervenção e do sucateamento da esfera política do estado nacional ou das fronteiras nacionais. É legítimo, porém, em Foucault (2008, p. 199) que o estado neoliberal:

[...] tem que intervir nessa sociedade para que mecanismos concorrenciais, a cada instante e em cada ponto da espessura social, possam ter papel de reguladores – e é nisso que a sua intervenção vai possibilitar o que é seu objetivo: a constituição de um regulador de mercado geral da sociedade.

Conforme destaca Lins (2014, p. 114), “[...] globalização e estado nacional não formam ‘par antagônico’: o caráter internacional dos fluxos aprofunda-se também porque iniciativas em escala nacional contribuem para isso”. Globalização é, acima de tudo e entre outras coisas, acumulação internacionalizada de capitais, é intervenção do estado na economia e no território, é a afirmação e legitimação de que o estado é fundamental na acumulação capitalista, principalmente em sua fase neoliberal.

Ademais, ao se considerar as cadeias produtivas definidas por Gereffi e a globalização como efeito da internacionalização do capital, pressupõe-se um fenômeno desigual, multifacetado, que abrange inúmeras atividades, serviços, transações e, acima de tudo, concorrência e cooperação entre capitais e nações, nas diferentes fases e ciclos da acumulação capitalista (RANGEL, 1982). Daí a importância das crises, do progresso técnico, da inovação, da mediação das nações envolvidas, da gestão das transações, da diplomacia internacional, da financeirização, das transnacionais, da comercialização intragrupos, dos laços e nós de correlações entre países e empresas.

O que é essencial: essas transformações, que se aceleram a partir da década de 1970, não suprimiram as leis do movimento e tendências de longo prazo do sistema capitalista. Nem sua forma de evoluir disruptivamente, impulsionado pelos movimentos simultâneos e inter-relacionados de acumulação do poder e da riqueza alavancados, a um só tempo, pela competição interestatal e pelas relações e conflitos de dominação entre os poderes dominantes e os grupos sociais e países subordinados (FIORI, 2007, p. 52-53).

É praticamente impossível, no entanto, mapear todo o debate em torno do termo e do fenômeno da “globalização”. Se, de acordo com Chesnais (1995), o termo é apologético, na visão de Hirst e Thompson (2001), é ideológico, e a neutralidade do termo é contestável. Contudo, segundo Pereira (2006, p. 30), “a globalização, porém, é um processo histórico real, não um fenômeno ideológico”, sendo a globalização financeira e o livre comércio ameaças aos países em desenvolvimento (CHANG, 2013).

Outra possível leitura é proposta por Amim (2005, p. 82), uma vez que, “A expansão global do capitalismo foi imperialista em todas as etapas de sua história e assim permanece por todo o futuro vislumbrável”. Esta é uma tese aproximada da teoria do imperialismo de Lênin, que na geografia econômica brasileira é partilhada por Mamigonian (2004), ao enfatizar os oligopólios, as fusões e os cartéis como elementos-chave da crise econômica mundial. Na visão geográfica de Santos (2000), a globalização é perversa, sanguessuga, parasitária e somente é superável a partir da construção de “uma outra globalização”, tendo como ponto de partida o *terceiro mundo*. Por outro lado, Santos (1991) é otimista em relação ao sistema de cooperação a nível internacional, pois,

[...] o território é hoje possível de ser usado, com o conhecimento simultâneo das ações empreendidas nos diversos lugares, por mais distantes que elas sejam. Isto permite, também, a implantação de sistemas de cooperação bem mais largos, amplos e profundos, agora associados mais estreitamente a motores econômicos de ordem não apenas nacional, mas também internacional (SANTOS, 1991, p.147).

São inúmeros os estudos e teses que abordam as distintas e antagônicas visões acerca da globalização e da economia mundial. No presente artigo, será utilizado o termo “cadeia produtiva termoplástica”, remetendo em seu bojo as atividades relativamente internacionalizadas na esfera da produção, distribuição e consumo dos produtos plásticos.

Além disso, entende-se que o fenômeno da globalização está diretamente subordinado à internacionalização das economias, tendo em vista que os agentes produtores e as circulações de mercadorias articulam as conexões desiguais entre os diversos países e as corporações. Uma indústria produtora de embalagens plásticas, por exemplo, sediada em Santa Catarina, é abastecida por insumos ofertados pela alemã Bayer e por maquinários vindos da chinesa Jwell; ao mesmo tempo, integra-se como supridora da empresa suíça Nestlé e suas produções são exportadas para o continente africano (AUTOR, 2012).

Nessa posição, a cadeia produtiva termoplástica localizada no Brasil, dificilmente exercerá algum comando sobre seus demandantes internacionais e estará atrelada a diversas cadeias de produção, como as de automóveis, eletrônicos e agroalimentares. De imediato, assume-se um caráter relativamente subordinado, em que as transnacionais impõem padrões de produção e de qualidade que as empresas termoplásticas, sujeitam-se. Trata-se, portanto, de uma condição de supridora de 2^a, 3^a ou 4^a ordem, na escala de importância das atividades correlatas às cadeias globais (GEREFI, 2001).

No entanto, há uma parte da cadeia produtiva termoplástica que, ao se consolidar em torno das atividades subordinadoras, poderá condicionar relativamente, a competitividade da ampla cadeia produtiva global que está atrelada. Em inúmeros casos, todavia, os produtores de plásticos podem não se direcionar a um demandante global e assim abastecer mercados locais / regionais específicos. Outra posição diferenciada, porém minoritária, é quando as grandes empresas, ao adquirirem conhecimentos inovadores específicos, atuam em mercados exclusivos na produção de produtos inovadores que lhes garantem uma posição mais confortável se comparada a simples submissão às cadeias globais (AUTOR, 2012).

A CADEIA PRODUTIVA TERMOPLÁSTICA LOCALIZADA NO BRASIL

Em virtude da diversificação nos segmentos da produção dos termoplásticos e das distintas tipologias de manifestação da cadeia produtiva de acordo com cada segmento, é possível identificar organizações encadeadas de forma desigual no território brasileiro. Primeiramente, salienta-se a inerência do caráter sistêmico e cooperativo na articulação da cadeia produtiva dos termoplásticos, que envolve os fornecedores de matéria-prima, de maquinaria e ferramentaria, os prestadores de serviços, os formuladores, os demandantes e o mercado consumidor.

Por outro lado, o fator concorrencial é também inerente à cadeia produtiva, isto é, é comum a exploração de um elo por outro, deixando de lado o fator cooperativo e executando a competição, em algumas vezes, desleais, em outras, saudáveis, ao conjunto. Esse é o caso das resinas plásticas, que representam 49,4% dos custos totais para o transformador (TEIXEIRA, 2006). No Brasil, 80% da matéria

prima insumida é fornecida pela Braskem, que exerce praticamente um monopólio na produção e comercialização do produto. Em razão desse monopólio, segundo os transformadores termoplásticos, há um sobre preço nas resinas que leva a uma transferência de “lucros” dos produtores para o fornecedor monopólico dos insumos (AUTOR, 2014).

No curto prazo, esse fenômeno onera a produção; no longo, significa desproporção na cadeia. Nesse sentido, gera um efeito de dissolução das relações cooperativas, além de alterações nas relações relativamente rígidas que se estabelecem em certos períodos. Ou seja, há uma rigidez em torno do fluxo de fornecimento de insumos que passa a ser rompido por causa da concorrência entre os elos, e levará, porém, a formas mais competitivas de novas articulações no conjunto geral da produção. Portanto, competição, concorrência, cooperação e relações sistêmicas estão ligadas ao todo econômico e afetam a cadeia produtiva em maior ou menor grau, de acordo com segmentos e a conjuntura econômica (AUTOR, 2012).

Ainda acerca dos aspectos gerais da cadeia termoplástica brasileira, é crucial destacar a sua integração com a produção global internacionalizada. Com exceção da Empresa de Tubos e Conexão Tigre, praticamente não há empresas termoplásticas brasileiras localizadas em outros países. Todavia, há empresas de outros países instaladas no Brasil. Destaca-se a Bemis Company, maior produtora de embalagens dos Estados Unidos que, nos últimos anos, adquiriu a brasileira Dixie Toga no Paraná. Outro exemplo é o da Amanco, produtora de tubos e conexões, vinda do México, instalada em Joinville, SC. Também se sobressai a americana Myers, produtora de embalagens, com plantas localizadas na Bahia, São Paulo e Paraná. Dentre outras, as tradicionais Dow, a Bayer e a General Electric também atuam no Brasil (AUTOR, 2012).

Não obstante a grande incidência de empresas transformadoras estrangeiras há um predomínio de empresas de capital nacional. No entanto, as estrangeiras, ao se instalarem no país, estão articuladas a um mercado consolidado, são altamente competitivas e alcançaram um *know-how* que poucas empresas brasileiras atingiram. O ambiente econômico nacional torna-se ainda mais competitivo, o que é normal diante a atual fase do capitalismo, na medida em que as diferenças concorrenciais entre o mercado local e o global, são equiparadas ao nível internacional (SPOSITO; SANTOS, 2012).

Em relação ao elo da cadeia que fornece os insumos, o Grupo Braskem de origem nacional, se estabeleceu nos últimos 10 anos como um *player* importador-exportador de resinas, integrado ao mercado do continente americano, parte da Europa e de Cingapura. Nesse aspecto a empresa brasileira, ao adquirir plantas em diversos países, passou a concorrer no mercado de petroquímicos e de resinas termoplásticas, com os tradicionais grupos globais. No entanto, trata-se de um produto básico, de baixo valor, negociado como commodities no mercado internacional (AUTOR, 2014).

Os fornecedores estrangeiros por seu turno sustentam o mercado brasileiro de máquinas e equipamentos, concorrendo com os produtores nacionais, localizados nas regiões produtoras de plásticos. Nos últimos anos, observou-se um processo de internacionalização do elo fornecedor de bens de capitais, isso devido à sobrevalorização da moeda brasileira, que impôs aos produtores nacionais, a condição de importadores de máquinas, equipamentos e ferramentas, especialmente da China (PLASTICO INDUSTRIAL, 2014).

Especificamente, parcelas dos moldes utilizados na técnica produtiva de injeção, bem como as máquinas injetoras mais modernas, são importadas. Para os produtos mais básicos, como tampas, produtos para cozinha, pequenas peças, etc., o fornecedor é da China ou de Taiwan. Para produtos complexos, como as peças de aeronaves, ignição de automóveis e peças rígidas, é da Itália e da Alemanha. A indústria brasileira nesses elos da cadeia ocupa espaços intermediários, atua em moldes específicos de reposição e em máquinas injetoras com menores conteúdos. Por isso, não compete com a produção em escala chinesa e taiwanesa, nem com a qualidade e a produtividade italiana e a alemã (ABIPLAST, 2010).

No Quadro 1, podem-se observar os principais fornecedores estrangeiros de máquinas extrusoras. Tais empresas não possuem filiais no país, contudo mantêm pessoal permanente responsável para manutenção, instalação e assistência técnica. Para as indústrias de embalagens, as máquinas mais complexas e impressoras ultramodernas chegam da Alemanha e Itália, e as máquinas mais básicas são fornecidas por empresas nacionais (AUTOR, 2012).

Quadro 1: Principais fornecedores estrangeiros de máquinas de plástico no Brasil

Processo/Produto/Equipamentos	Empresa	País de origem
Tubos Lisos, Filmes	Amut Wortex	Italiana
Chapas, Compostos	Ancoat	Italiana
Tubos, Corrugados, Perfis	Battenfeld - Cincinnati	Alemanha
Chapas, Compostos	Gamma Meccanica	Itália
Tubos Lisos, Corrugados, Chapas	Jwell	China
Fios e Cabos, Tubos	Faygo Plast	China
Tubos Lisos	Mailefer	Suíça

Fonte: Revista – Plástico Industrial (Ago., 2014)

A cadeia produtiva termoplástica brasileira está consolidada, possui grau de especialização elevado; embora boa parte da produção final seja basicamente voltada ao mercado nacional. A maioria dos produtores de plásticos, para instalar ou manter sua planta de produção em atuação, recorrem aos importantes fornecedores internacionais. Enquanto que, sua produção final, será direcionada a clientes demandantes instalados no Brasil para abastecerem o gigante mercado do país. Trata-se das médias e pequenas empresas, produtoras de miscelâneas plásticas, como por exemplo: baldes, sacolas, batentes, grampos, botões, suportes, etc.

No entanto, os grandes produtores de plásticos integrados as corporações globais – montadoras de automóveis, indústrias agroalimentares –, ao fornecerem em escala e qualidade, indiretamente atingem o mercado internacional, na medida em que os produtos finais daquelas corporações são exportados. Nesse sentido, como supridores de uma cadeia global, os produtores ficam subordinados aos comandos das corporações. Porém, ao assumir o papel de fornecedor para grandes demandantes, a empresa assimila as funções de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), torna-se um dos elos inovadores da cadeia e influencia diretamente no resultado final das corporações. Sendo assim, percebe-se a correlação entre as cooperações dos agentes, ao passo que a concorrência exige uma integração competitiva entre fornecedores e demandantes.

O TERRITÓRIO DAS EMPRESAS TERMOPLÁSTICAS

Neste terceiro item, com base na análise e na concretização da cadeia produtiva termoplástica brasileira exposta na seção anterior, serão apresentadas as características territoriais das regiões produtoras de produtos plásticos finais do país, tendo em vista os usos dos “atributos territoriais” (PECQUEUR, 2009), seus efeitos na dinâmica das proximidades (TORRE; GILLY, 2000), no uso do território (SANTOS, 1994) e na territorialização de um ramo de atividade (SANCHEZ, 1991).

Para a localização e territorialização da indústria termoplástica e de algum desdobramento da cadeia produtiva, a geografia econômica contribuiria no sentido de elucidar, além do aspecto locacional, os fundamentos consolidados no território, que favorecem a competitividade produtiva. Hoje a indústria termoplástica brasileira apresenta característica bastante diversificada e nacionalmente concentrada nas regiões Sudeste e Sul do país. Os dados da Pesquisa Industrial Anual (PIA, 2013) comprovam isso, pois, se o número total de empresas transformadoras no Brasil é de 9.944 unidades, no Sudeste estão 5.820 e no Sul estão 2.628. Isso corresponde a 84,9% do total de unidades, que ocupa 85% do pessoal e gera 83% das receitas totais de vendas (PIA, 2013).

O destaque desses números são os territórios do ABC Paulista, nos segmentos de autopeças, utensílios domésticos e produtos laboratoriais; de Joinville/SC, com tubos e conexões e materiais diversos; do Sul de Santa Catarina, com embalagens, descartáveis e reciclados; de Caxias do Sul e Novo Hamburgo, com peças rígidas agrícolas, caixas e caixotes e autopeças. Respectivamente, nessas microrregiões, localizam-se os quatro maiores polos fabricantes de máquinas, equipamentos e ferramentas para termoplásticos do país (AUTOR, 2015).

A região do ABC Paulista especializou-se no segmento de autopeças, estabilizado a partir das primeiras (1950) montadoras de automóveis que se instalaram na região. A partir daí, inúmeras atividades correlatas à produção do plástico foram se especializando, isso gerou um complexo parque produtivo que abrange quase integralmente uma cadeia produtiva independente (MAUÁ, 2007).

A estruturação desse complexo regional possibilitou a geração de inúmeras vantagens territorialmente localizadas. Como pontos fortes, destacam-se: a boa capacitação na produção e desenvolvimento de produtos, máquinas, ferramentas e serviços; a boa imagem das empresas no quesito qualidade e redução de custos; e a vantagem de localização dos principais distribuidores de resinas do país (MAUÁ, 2007). Sendo essas vantagens inerentes ao território do ABC paulista, conseqüentemente, as vantagens competitivas favorecem nas decisões sobre os novos investimentos para o território específico.

De certo modo, ocorre o que Torre e Gilly (2000) denominam de *organizational proximity* (proximidade organizacional), quando as interações de diversas naturezas ou os elementos de dimensão institucional, contribuem para a *geographical proximity* (proximidade geográfica) das atividades econômicas e de negócios afins. Em determinadas circunstâncias, é a proximidade geográfica que possibilita um adensamento das proximidades organizacionais.

Ademais, trata-se nesse contexto, das tênues integrações entre o que Pecqueur (2000) denomina de relações de complementariedade entre os agentes econômicos e os agentes específicos do território considerado. Portanto, os melhores distribuidores de resinas do país estão localizados no ABC Paulista pelas vantagens territoriais e econômicas postas, de modo que não se instalariam igualmente noutras regiões, onde não há empresas termoplásticas, nem fornecedores de petroquímicos básicos para as refinarias.

No caso do Estado da Bahia, segundo Spínola (2005), consolidaram-se empresas produtoras de termoplásticos, cuja matéria-prima representa 58% dos custos, enquanto a média nacional é de 49,4% (TEIXEIRA, 2006). Essas empresas intensivas no uso de resinas correspondem à produção de artefatos plásticos diversos, sobretudo galões, baldes, barris e tonéis, para a indústria petroquímica localizada em Camaçari-BA, maior polo petroquímico do Brasil.

Ao todo, no estado baiano, são 182 unidades com 5.203 ocupados; em Camaçari são apenas quinze unidades, que ocupam 1.256 trabalhadores (SPÍNOLA, 2005). Isto é, em apenas 8,2% dos estabelecimentos, estão empregados 24% da mão de obra ocupada por toda a indústria termoplástica do estado. Assim, a vantagem territorial de localização dos produtores de resinas, estimulou a instalação de empresas intensivas no uso de matéria-prima e de mão de obra. Além disso, a possibilidade de mercados cativos influenciou na especialização produtiva da região, uma vez que se destacam a produção de tonéis e galões para petroquímicos em geral.

Já as empresas de termoplásticos localizadas em Joinville chamam a atenção porque inicialmente na região não havia atrativos territoriais. A atual Tubos e Conexões Tigre teve seu start industrial produzindo pentes de resinas oriundas dos chifres de bois. Somente com o advento da construção civil no país, a empresa transitou para os tubos e conexões, superando as concorrentes de São Paulo e tornando-se uma das empresas mais internacionalizadas do Brasil (NAPOLEÃO, 2005).

Foi a partir da Tigre, que Joinville tornou-se um diversificado polo nacional na produção de plásticos (Tubos e Conexões, Utensílios domésticos, Autopeças, Máquinas e equipamentos), atraindo novas empresas (Amanco, Krona). Atualmente, o Município oferta a maior feira internacional de produtores de plásticos da América Latina, que ocorre a cada dois anos, bem como um complexo conjunto educacional voltado para a profissionalização do trabalho com plásticos. Ou seja, a utilização eficiente dos atributos territoriais consolidados, favoreceu a competitividade das empresas produtoras de plásticos (AUTOR, 2012).

O Sul de Santa Catarina, com suas indústrias de descartáveis, embalagens e reciclagens, apresenta uma característica igualmente peculiar, pois sua especialização sempre foi o carvão mineral e a cerâmica. Na década de 1970, porém, surgiram as primeiras empresas produtoras de termoplásticos. Investidores independentes montaram suas fábricas de mangueiras e embalagens, que mais tarde transitaram para os descartáveis. Atualmente produzem 80% dos descartáveis consumidos no Brasil, principalmente na Copobras, Zanata e Coposul (AUTOR, 2012). Ademais, a região detém um forte parque produtor de máquinas de tipo sopro, além de fornecedores, sindicatos e instituições de ensino; vinculados diretamente aos descartáveis e afins.

Do segmento de descartáveis, desdobraram-se inúmeras empresas recicladoras de plástico, que assimilaram a vantagem territorial de proximidade com as empresas produtoras, no sentido de consumirem suas aparas e demais rejeitos da produção. O interessante é que, com o fortalecimento da produção dos produtos plásticos, houve a ampliação na oferta de rejeitos e estimulou as indústrias recicladoras. Posteriormente, tendo em vista a lucratividade das reciclagens, as prefeituras da região desenvolveram modelos eficientes de coletas seletivas, contribuindo com as empresas e o meio ambiente (AUTOR, 2015). Portanto, diferentes dinâmicas de proximidades estimularam as políticas organizacionais.

Em dissertações sobre as empresas produtoras de termoplásticos no Paraná, realizado por Limberger (2010), e no Rio Grande do Sul, por Braghirolli (1999), é possível verificar os quesitos geoeconômicos inerentes às atratividades territoriais, das proximidades dinâmicas e das correlações de atividades. De qualquer modo, o aprofundamento empírico em outras pesquisas poderá demonstrar inúmeros casos e territórios que podem apresentar especificidades relativas ao território, à atividade e ao segmento estudado.

Para esses casos levantados, portanto, é indiscutível a existência de territórios especializados na produção de termoplásticos, além da influência da cooperação, da correlação e da interação entre atividades econômicas e a organização desses mesmos territórios. É verificável, portanto dinâmicas territoriais locais, que possibilitam estímulos ao encadeamento de atividades – correlatas ou não – integradas às atividades econômicas específicas da produção do plástico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De imediato, é fundamental confirmar que a internacionalização global de capitais, o estado, a cadeia produtiva nacional de termoplásticos e seu espraiamento em territórios específicos, tratados de forma breve em cada item deste artigo, estão diretamente interconectados. O Brasil não sustentaria a estrutura completa de uma cadeia produtiva termoplástica sem a fundamentação territorial desses complexos industriais, tampouco sem a intermediação com a economia global e o comércio internacional.

Por isso, entender o movimento de atratividade territorial, os atributos dos territórios ou das dinâmicas de proximidades nas empresas transformadoras de termoplásticos, são de fundamental importância para a economia brasileira. Ao que parece, essa cadeia produtiva, em virtude de sua diversificação, de sua penetração em outras inúmeras cadeias, de sua relativa simplicidade na execução do produto final e de sua funcionalidade, contribui para o estabelecimento de territórios competitivos e especializados. Esses territórios especializados impõem barreiras contra a concorrência de outras regiões produtoras, em razão das inúmeras vantagens territoriais e econômicas que ofertam.

Sendo assim, a cadeia produtiva termoplástica consolidada no Brasil em alguns territórios específicos, estabelece interações diretas ou indiretas com complexas cadeias produtivas globais. O fundamento territorial em si, condiciona a competitividade da atividade econômica. Do mesmo modo, que a organização do território é condicionada pelos múltiplos aspectos econômicos, políticos, culturais e sociais

constituidores das cadeias produtivas. Trata-se geograficamente da implacável e indissociável correlação entre as escalas geográficas, os territórios e as atividades econômicas.

REFERÊNCIAS

- ABIPLAST. **Perfil 2010**: Indústria brasileira de transformação de material plástico. São Paulo: Abiplast, 2010.
- AMIN, S. O imperialismo, passado e presente. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 18, p. 77-123. 2005.
- BACELAR, T. Globalização e território. **Le Mond Diplomatique Brasil**, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/print.php?tipo=ar&id=202>>. Acesso em: 5 jan. 2015.
- BRAGHIROLI, M. L. S. **Capacidade e aprendizagem tecnológica na terceira geração da indústria petroquímica no RS**. 1999. 120 f. Dissertação, Mestrado em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. **Globalização e competição**: porque alguns países emergentes têm sucesso e outros não. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- CARNEVALLI, J. A.; MIGUEL, P. A. C.; SALERNO, M. S. Aplicação da modularidade na indústria automobilística: análise a partir de um levantamento tipo *survey*. **Produção**, v. 23, n. 2, São Paulo Abr./Jun., 2012.
- CHANG, H. J. **23 coisas que não nos contaram sobre o capitalismo**. São Paulo: Cultrix, 2013.
- CHESNAIS, F. A. Globalização e o curso do capitalismo de fim-de-século. **Economia e Sociedade**, v. 5, p. 1-39, 1995.
- DEL VALLE, R. M. G. del.; BARROSO, I. C. **Organización industrial y territorio**. Madrid: Síntesis, 1999.
- DIAS, A. V. C. **Consórcio modular e condomínio industrial**: elementos para análise de novas configurações produtivas na indústria automobilística. 1998. 120 f. Dissertação, Mestrado em Engenharia de Produção, Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- FIORI, J. L. **O poder global**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GEREFFI, G. A. Las cadenas productivas como marco analítico para la globalización. **Problemas del Desarrollo**, v. 32, n. 125, p. 9-37, 2001.
- GEREFFI, G. A.; KORZENIEWICZ, M.; KORZENIEWICZ, R. P. Introduction: global commodity chains. In: GEREFFI, G.; KORZENIEWICZ, M. (Ed.). **Commodity chains and global capitalism**. Westport: Praeger, 1994, p. 1-14.
- HIRST, P. THOMPSON, G. **Globalização em questão**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- INSTITUTO NACIONAL DE METROLOGIA. **Relatório sobre análise em copos plásticos descartáveis**. Rio de Janeiro: INMETRO, 2007, 22 p.

- LACOSTE, Y. **A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988.
- LANDES, D. S. **Prometeu desacorrentado**: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até os dias de hoje. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- LIMBERGER, S. C. **A geografia da indústria de embalagens plásticas**: inovação tecnológica e dinâmica espacial. Francisco Beltrão: Unioeste, 2010.
- LINS, H. N. Diálogo com o debate sobre o papel do Estado nacional na globalização. **Sociedade Brasileira de Economia Política**, São Paulo, v. 1, n. 37, p. 97-118, 2014.
- MAMIGONIAN, A. Marxismo e globalização: as origens da internacionalização mundial. In: _____. **Tese de livre docência**. 2004. 383 f. Tese de Livre Docência. Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia. São Paulo, 2004.
- _____. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 387-481, jul./set. 1965.
- MAUÁ (São Paulo). Prefeitura Municipal. **Plano de desenvolvimento do arranjo produtivo local**: Arranjo produtivo local de plásticos da região do grande ABC – SP. Mauá, SP, 2007.
- NAPOLEÃO, Fábio. **Origem, desenvolvimento e crise da indústria joinvillense de materiais de construção em PVC**: 1941-2002. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2005.
- PECQUEUR, B. A guinada territorial da economia global. **Política e Sociedade**, n. 14, p. 79-105, abr. 2009.
- PLÁSTICO INDUSTRIAL. Os fornecedores de máquinas extrusoras. **Plástico Industrial**, São Paulo: Aranda, ano 16, n. 192, p. 24 -29, ago. 2014.
- PIA. **Anuário estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 73, 2013.
- RANGEL, I. **Ciclo tecnologia e crescimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- SÁNCHEZ, J. E. **Espacio, economia y sociedad**. Barcelona: Siglo XXI, 1991.
- SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. de; SILVEIRA, M. L. (Org.). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. A revolução tecnológica e o território: realidades e perspectivas. **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente: AGB- Seção Presidente Prudente, n. 13, 1991, p. 141-152.
- _____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal, Record, São Paulo, 2000.
- SANTOS, L. B. **Estado, industrialização e os espaços de acumulação das multilatinas**. 2012. 539 f. Tese de Doutorado em Geografia, Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, 2012.
- SPÍNOLA, V. **A estrutura da indústria de transformação plástica na Bahia**: sumário executivo. Desenhahia: Unidade de Estudos Econômicos, Governo do Estado da Bahia: Bahia, 2005.
- SPOSITO, E. S.; SANTOS, L. B. **O Capitalismo industrial e as multinacionais brasileiras**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

AUTOR. **Estudo geográfico das indústrias de plástico de São Ludgero – SC**. 2012. 275 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Geografia. Florianópolis, 2012.

_____. Atributos territoriais: das inovações ao mercado latino-americano nas indústrias termoplásticas do sul do Brasil. **Percursos – Nemo**. Maringá, v.7, n.1, p.550-71, 2015.

TEIXEIRA, F. L. C. Cooperação para o aprendizado e a inovação em cadeias de suprimento: a influência das assimetrias entre os agentes. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 30. Salvador, **Anais Enanpad**, Salvador, 2006. p. 1-14.

TORRE, A.; GILLY, J. P. On the analytical dimension of proximity dynamics. **Regional Studies**, v. 34, n. 2, p. 169-180, 2000.

WOOD, E. M. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.